



Formação de professores de inglês em nível universitário no Espírito Santo: uma avaliação através da voz de instituições, professores e estudantes

Christine Sant'Anna de Almeida
CESV (Centro de Ensino Superior de Vitória)

Laura Stella Miccoli
UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)

O presente estudo é um recorte de uma dissertação de mestrado que investigou a situação da formação de professores de inglês como LE no estado do Espírito Santo (ES). Através de uma pesquisa de levantamento de dados em quatro instituições capixabas que oferecem o curso de Letras/Inglês, levantamos, tabulamos e categorizamos dados, processo que nos levou a uma avaliação global da formação de professores de Inglês no ES. Os resultados revelaram o perfil dos respondentes aos questionários de pesquisa – administradores, professores e estudantes – bem como suas avaliações sobre as condições físicas de cada uma das instituições pesquisadas e a qualidade do curso que oferecem. Embora não negativa, a formação de professores de inglês nos cursos oferecidos por essas quatro instituições do ES ainda está longe daquilo que é desejado por seus estudantes, professores e administradores.

This article presents a small extract from a master's dissertation, which investigated the situation of EFL teacher education in the state of Espírito Santo (ES) in Brazil. From a survey in four institutions in ES that offer an undergraduate program in Languages/English, we tabulated and categorized response data, leading us to an overview of the respondents' evaluation of English teacher education in ES. The results allowed us to know the profile of those who answered the survey questionnaires – institution administrators, professors and students – as well as their evaluation of the facilities of each institution and the quality of the undergraduate program they offer. Although not negative, English teacher education courses in ES are still far from what is desired by their students, professors and administrators.



Introdução

O estudo ao qual nos referimos (ALMEIDA, 2003), aqui reportado,¹ é resultante de nossa curiosidade em conhecer mais as IES² que oferecem cursos de Letras/Inglês,³ cujo crescimento nos últimos anos tem se expandido significativamente em todo o Brasil. Embora haja dados disponíveis na Internet, na página do MEC,⁴ esses dados não atendiam à nossa motivação principal: realizar uma pesquisa que nos permitisse ter uma avaliação dos cursos de Letras/Inglês oferecidos por instituições públicas e particulares no ES, dando voz àqueles que nelas se encontram. Queríamos levantar dados a partir das opiniões de três grupos distintos de respondentes: o grupo dos responsáveis pela administração da instituição, o grupo dos professores do curso e o grupo dos estudantes formandos.

Os dados disponíveis na Internet provêm de avaliações institucionais realizadas por comissões mistas de professores de outras IES, que a cada três anos apreciam se as instituições atendem ou não aos critérios de qualidade do MEC, através do preenchimento de um instrumento de avaliação que analisa diferentes aspectos institucionais, a saber: a organização administrativa da instituição, o projeto pedagógico do curso que está sendo avaliado, a formação e experiência de seus professores e, finalmente, as condições físicas da IES. Apesar de terem contribuído para a melhoria das condições de oferta de cursos de ensino superior em instituições públicas e particulares, os dados não revelam opiniões, e, sim, o atendimento ou não a um determinado item do instrumento de avaliação utilizado, que é resultado de julgamentos baseados em

¹ Neste artigo, por ser um recorte de uma dissertação de mestrado, preferimos apresentar discussões e resultados que mais se sobressaíram, bem como retirar todas as tabelas com os dados estatísticos levantados. No entanto, todos esses dados podem ser encontrados no texto integral da dissertação.

² Instituição de Ensino Superior.

³ Refere-se tanto a cursos de licenciatura simples em Inglês quanto aos de licenciatura dupla que têm o Inglês como uma das línguas para formação como professor em nível superior.

⁴ Ministério da Educação; www.mec.gov.br

documentos ou entrevistas nas quais nem sempre se pode confiar, haja vista que os entrevistados têm interesse em uma avaliação positiva da instituição a que pertencem. Isso faz com que a avaliação final seja indireta em relação àqueles que vivenciam a instituição ao longo de alguns anos. Além disso, nem sempre os resultados são validados por diferentes segmentos de uma mesma instituição. Em vista dessas considerações e por termos identificado a ausência da voz direta de administradores, professores e estudantes nas avaliações que são referência nacional, nossa pesquisa quis dar uma oportunidade de expressão à comunidade acadêmica do estado do ES, por ser nesse estado que uma das autoras atua profissionalmente.

Finalmente, além de dar voz à comunidade acadêmica, compilamos os dados para obter uma visão histórico-documental-descritiva dessas instituições e contribuir praticamente para a melhoria da formação dos professores de inglês em nível universitário no estado em questão, pois em última instância, a pesquisa produz uma avaliação de um grupo significativo das instituições que oferecem cursos de Letras/Inglês, com turmas já formadas ou em formação.⁵ Os resultados obtidos neste estudo, além de relevantes para as próprias instituições que abriram suas portas para nossa pesquisa, poderão ser úteis a outras instituições de ensino, incentivando-as a promover uma auto-avaliação, processo que sempre leva a informações que, por sua vez, servem para promover mudanças em direção a uma constante evolução.

Marco teórico

A fundamentação teórica para a pesquisa foi organizada basicamente sobre quatro pilares: estudos na área de formação de professores de LE (RICHARDS, 1990; PENNINGTON, 1990, entre outros), estudos na área de formação de professores brasileiros de LE (LEFFA, 2000; VOLPI, 2001, entre outros), legislação vigente no Brasil (LDBEN – Lei 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parecer CNE/CES 492/2001 – Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Letras, e outros documentos, tais como Pareceres e Resoluções, que são

⁵ A coleta de dados aconteceu em 2002.

documentos complementares às Diretrizes) e estudos feitos no Brasil que visam mapear os cursos de Letras/Inglês de acordo com sua região física (PAIVA, 1997; LIMA, 2000 e REGISTRO,⁶ 2001).

Metodologia da pesquisa

Em função da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade⁷ da investigação e de seu objetivo exploratório, adotamos a pesquisa de levantamento de dados⁸ como metodologia, utilizando o questionário como principal instrumento para coleta de dados (FOWLER, 1990, 2002; GILLHAM, 2000; BABBIE, 2001). Desenvolvemos um estudo piloto para testar os questionários desenvolvidos e os procedimentos de pesquisa. Ambos foram aperfeiçoados a partir dos resultados obtidos nesse estudo piloto (ALMEIDA, 2003).

Os quatro questionários desenvolvidos, testados e revisados continham perguntas abertas e fechadas, dispostas em três blocos: 1) a identificação dos participantes; 2) as condições físicas das instituições; e 3) o curso oferecido por essas instituições. Por terem sido desenvolvidos para diferentes respondentes da comunidade acadêmica, cada questionário teve as perguntas adaptadas para cada tipo de informante. Esses questionários foram denominados: 1) Questionário Administrativo; 2) Questionário Acadêmico; 3) Questionário para Estudantes Formandos; e 4) Questionário para Professores, distinção necessária para que obtivéssemos avaliações diferenciadas, cujos resultados serão apresentados após a descrição dos procedimentos.

⁶ Informação verbal – Comunicação proferida pela Profa. Eliane S. R. Registro, intitulada “Formação de Professores: a evolução das pesquisas produzidas nas décadas de 70 a 90”, no XVI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa, em Londrina, 2001.

⁷ Contamos com a valiosa contribuição do Prof. Dr. Alexandre Magno Alves Diniz, que foi professor do Departamento de Geografia da UFMG até 2002, para a confecção dos questionários, acompanhamento da tabulação e análise estatística dos dados.

⁸ O termo original ‘*survey*’ pode ser traduzido como ‘pesquisa de opinião’, como é mais conhecido, ou como ‘pesquisa de levantamento de dados’. Optamos pela segunda tradução por entender ser ela mais abrangente que a primeira.

Os dados foram coletados entre agosto e setembro de 2002. As datas definidas para a distribuição dos questionários foram acordadas entre a Coordenação do Curso e uma das pesquisadoras, de acordo com o calendário escolar de cada instituição. Em primeiro lugar, foram coletados os dados referentes aos Questionários Administrativo e Acadêmico, que foram respondidos, respectivamente, pelo Diretor responsável pela IES e pelo Coordenador do Curso. Em segundo lugar, os Questionários para Estudantes Formandos foram distribuídos e recolhidos pela mesma pesquisadora durante uma aula previamente definida entre a pesquisadora, a Coordenação do Curso e o Professor da Disciplina. Finalmente, os Questionários para Professores foram deixados com a Coordenação do Curso, que se encarregou de distribuí-los e recolhê-los para entrega à pesquisadora em data posterior previamente definida. Foram dadas aos professores duas semanas para preenchimento de seus questionários.

Participantes da pesquisa

À época da pesquisa, o ES tinha dez IES estabelecidas com o propósito de formar professores de inglês.⁹ Pela abrangência da pesquisa, houve necessidade de delimitarem-se parâmetros para a participação das instituições. Foram estabelecidos dois parâmetros. Primeiro, as instituições a serem pesquisadas deveriam ter pelo menos uma turma com formatura prevista para o segundo semestre de 2002. Segundo, essas instituições deveriam formalizar o seu consentimento para a realização da pesquisa. Para tal, submetemos os questionários que seriam aplicados para análise da administração de cada instituição que atendeu ao primeiro parâmetro. Esses procedimentos foram necessários visando dar validade à análise de dados e confiabilidade aos resultados.

Dentre essas dez IES, apenas cinco atendiam ao primeiro parâmetro para investigação, ou seja, metade das instituições do ES que ofereciam curso de Letras/Inglês tinha turma formada no semestre da

⁹ IES que ofereciam, à época da pesquisa, 2002, o curso de Letras/Inglês no ES: na região metropolitana, UFES, CESV, CESAT e SABERES; na região norte, UNILINHARES, UNIVEN, FICAB E FACHA; e na região sul, FAFI e FAFIA.

coleta dos dados. Entretanto, apesar de termos submetido os questionários para análise prévia, uma instituição se recusou a fazer parte das instituições a serem pesquisadas. Tivemos, portanto, a adesão de quatro instituições à participação no estudo, amostra que representa 80,0% da população que atendia aos parâmetros estabelecidos para a sua definição. Pseudônimos foram escolhidos para assegurar o devido anonimato às instituições que aceitaram participar da pesquisa, a saber: Verde, Amarela, Azul e Branca. Como nos mostra a TAB. abaixo, participaram deste estudo oitenta e seis (86) alunos cursando o último semestre letivo, e trinta e seis (36) professores que ministravam, à época da investigação, aulas de língua, estudos culturais ou literaturas ligadas à língua inglesa, bem como disciplinas referentes à formação pedagógica dos futuros docentes de inglês que participaram deste estudo.

TABELA 1

Participação de alunos e professores nas respostas dos questionários

IES	Questionários					
	Questionário de Alunos			Questionário de Professores		
	Distribuídos	Devolvidos	Percentual	Distribuídos	Devolvidos	Percentual
Verde	25	24	96,0%	13	11	84,6%
Amarela	10	9	90,0%	10	6	60,0%
Azul	38	37	97,4%	8	5	62,5%
Branca	16	16	100%	15	14	93,3%
Total	89	86	96,6%	46	36	78,3%

A TAB. 1 ainda nos mostra que o índice de participação foi alto – a média de 80% de questionários devolvidos nos faz acreditar que os resultados de nossa pesquisa são confiáveis, em vista do percentual de adesão dos informantes.

Quanto aos questionários destinados à Administração e à Coordenação Acadêmica do Curso de Letras/Inglês de cada uma das quatro instituições participantes, obtivemos 100% de índice de respostas às perguntas destinadas a esses segmentos.

Resultados da pesquisa

Os resultados obtidos serão apresentados como respostas às perguntas de pesquisa, a saber:

- 1) Qual o perfil administrativo e pedagógico traçado por cada uma das IES investigadas que oferecem curso de Letras com habilitação em inglês no ES?
- 2) Qual o perfil dos docentes investigados?
- 3) Qual o perfil dos discentes investigados?
- 4) Qual o perfil das condições físicas do Curso de Letras, sob a ótica dos participantes?
- 5) Qual o perfil do Curso de Letras/Inglês oferecido, sob a ótica dos participantes?
- 6) Qual o perfil que esses resultados revelam sobre a formação de professores de inglês em nível universitário no ES?

Em relação à primeira pergunta de pesquisa – *Qual o perfil administrativo e pedagógico traçado por cada uma das IES investigadas que oferecem cursos de Letras com habilitação em inglês?* – ressaltamos que a mesma visava identificar o perfil institucional das IES capixabas.

Quanto ao perfil administrativo, os dados obtidos revelaram que, assim como nos diferentes estados brasileiros, há uma predominância de instituições particulares de ensino superior, tendo em vista que das quatro IES investigadas, apenas uma é pública. A maioria das instituições realizava seu processo seletivo anualmente, através de prova de vestibular e de análise curricular. A análise curricular é uma forma de seleção típica das instituições particulares.

Quanto aos cursos de Letras/Inglês oferecidos pelas quatro IES, predominam os que são oferecidos no turno noturno. Apenas uma instituição oferece o curso nos turnos matutino e vespertino. Em todas, a duração do curso é de quatro anos. Dentre as IES pesquisadas, notou-se que duas oferecem licenciatura simples e duas oferecem licenciatura dupla em inglês e português. Além do curso de graduação, essas instituições oferecem cursos de pós-graduação *lato sensu* para especialização na área. Mesmo se, à época da pesquisa, essa oferta ainda não estivesse implantada, todas as IES particulares tinham projeto de implantá-la em seis meses.

Nas quatro instituições foi notada uma ausência de controle de dados de importância para o melhor atendimento de estudantes. Por exemplo, no que diz respeito a dados residenciais ou profissionais sobre os estudantes, as Administrações das instituições demonstraram não saber informar se eles moravam e/ou trabalhavam no mesmo município em que estudavam. As Administrações também não souberam informar que percentual do seu corpo discente é oriundo de escola pública ou particular. Ambas as informações parecem essenciais para adequarem-se as políticas institucionais à realidade daqueles que buscam formação nas IES.

O mesmo desconhecimento foi identificado nas Coordenações de Curso, no que, por exemplo, diz respeito ao período em que a evasão escolar mais ocorre. Nenhuma das Coordenações das quatro instituições pesquisadas pôde explicar a evasão que se dá em seus cursos ou em qual período escolar isso acontece mais. Também foi identificado que as Coordenações não eram conhecedoras de documentos oficiais, tais como as Diretrizes Curriculares para Cursos de Letras ou os Parâmetros Curriculares Nacionais, documentos úteis para adequação de grades curriculares, tendo em vista que duas instituições, as mais antigas, ainda apresentavam grades curriculares inadequadas à legislação vigente em 2002.

Quanto ao perfil pedagógico dessas quatro IES, os dados revelaram que nenhuma delas exigia um conhecimento mínimo de inglês anterior ao processo seletivo. Essa informação revela que os cursos de Letras/Inglês no ES se desviam de seu propósito maior, que é formar professores de língua inglesa. Isso porque grande parte dos cursos se adapta à prática comum de iniciar o estudo básico da língua a estudantes em formação superior, como se a língua estrangeira não fosse exigência curricular, disposta na LDBEN/1996, a partir da 5ª série do ensino fundamental.

Em 100% dessas instituições o corpo docente atua em sua área de formação específica – o que indica que os professores capixabas são bem aproveitados em suas áreas de conhecimento. Quanto ao currículo, o principal motivo da última alteração curricular informada foi a adequação a novos conteúdos programáticos, mas não a uma nova proposta de estrutura curricular, indicando que as exigências da legislação em vigor ainda não haviam sido plenamente implantadas nas duas instituições mais antigas. Quanto ao estágio supervisionado, apesar

da legislação à época indicar que deveria acontecer a partir da segunda metade do curso, em três das quatro IES o estágio continuava concentrado no último ano do curso. Em todas, o estágio acontecia sob orientação de professor do departamento de Inglês e era realizado em escolas conveniadas com as IES.

A segunda pergunta de pesquisa – *Qual o perfil dos docentes investigados?* – trata do perfil dos professores participantes do estudo. Como mostrado na TAB. 1, trinta e seis docentes responderam ao Questionário para Professores.

O perfil delineado assim se apresentou: 55,6% (20 professores) dos docentes estão na faixa etária entre 40 e 49 anos; 69,4% (25 professores) deles são do sexo feminino. Quanto à titulação, os dados mostraram que os docentes capixabas eram pouco titulados, em vista que, à época da pesquisa, a maior titulação era a de especialista, obtida por 58,3% (21 professores) dos docentes. Dos demais, 38,9% (14 professores) eram mestres e havia apenas um doutor, o que corresponde a 2,8%. Entretanto, dos vinte e um professores cuja maior titulação era a de especialista, 61,9% deles (treze professores) estavam cursando o mestrado. A grande maioria dos docentes investigados, 85,7% (30 professores), tinha o magistério em nível superior como sua principal atividade profissional.

Quanto ao vínculo profissional dos professores com as instituições pesquisadas, os dados revelaram que 50% dos docentes (18 professores) iniciaram como profissionais em suas respectivas instituições entre 1960 e 1999, i.e., em duas das IES pesquisadas havia professores com mais de 30 anos de casa. Os outros 50%, ao contrário, começaram seu vínculo a partir do ano 2000, i.e., à época da pesquisa, a metade dos professores respondentes tinha, no máximo, dois anos de atuação na sua instituição. Esse dado confirma ter havido uma expansão do ensino superior privado a partir do final dos anos 90. Além disso, os dados revelaram que 54,3% (19 professores) trabalhavam nas IES investigadas por uma média de até dezenove horas semanais – indicativo de que predomina no ES o professor horista, cujo contrato de trabalho é por horas/aula ministradas na instituição, contrato típico nas instituições particulares.

Apesar disso, 97,2% (35 professores) afirmaram participar de eventos científicos e, desses, 84,8% (28 professores) já apresentaram trabalhos de sua autoria. Mas, apesar da busca pela atualização profissional em eventos, 55,6% (20 professores) não realizavam pesquisas, indicando

que, à época da pesquisa, os professores capixabas ainda não tinham o hábito da pesquisa incorporado à sua prática profissional.

A terceira pergunta de pesquisa foi: *Qual o perfil dos discentes investigados?* Como visto na TAB. 1, 86 alunos responderam ao Questionário para Estudantes Formandos.

Os dados mostraram que o corpo discente é predominantemente feminino – uma representação de 86,0% (74 alunos) dentre os 86 respondentes. Em vista de haver evidência similar no corpo docente, esses dados indicam que o ensino de língua inglesa na educação capixaba estava e deve continuar sob a responsabilidade de mulheres. Uma outra característica majoritária que compõe o perfil do estudante de Letras/Inglês é a faixa etária dos estudantes, com 59,3% dos respondentes (51 alunos) com idade entre 20 e 29 anos. Um outro dado importante é sobre a escolha do curso, revelando que 61,2% (52 alunos) optaram pelo curso de Letras como sua primeira escolha, por se identificarem com a língua inglesa ou com seu magistério, contrariando o mito de o curso de Letras ser a segunda escolha na maioria dos casos. Quanto ao perfil educacional desses estudantes, a grande maioria dos alunos (83,7%, que correspondem a 72 alunos) participa em eventos científicos – o que pode levá-los a uma mudança de atitude perante o papel da pesquisa no exercício profissional no futuro.

Quanto ao perfil social dos discentes, 45,9% (39 alunos) são pertencentes a famílias com renda familiar entre 5,0 e 9,9 salários mínimos,¹⁰ o que contraria um mito regional de que professores de inglês são pessoas de classes sociais mais privilegiadas, que necessariamente viajam ao exterior para estudar. Dentre os respondentes, 69,8% (60 alunos) afirmaram já contribuírem para a composição da renda familiar, dado que contraria a idéia de um elitismo no curso de Letras/Inglês como uma marca cultural do ES.

Finalmente, quanto à experiência profissional dos estudantes, os dados revelaram que a maioria, 69,5% (57 alunos), está inserida no mercado de trabalho, lecionando inglês – o que confirma a ajuda dos mesmos para a composição da renda familiar. Desses estudantes, 61,4% (35 dos 57 alunos que já ministravam aulas de inglês) tinham alguma experiência como professor de língua, pois informaram que já

¹⁰ À época da pesquisa, um salário mínimo equivalia a R\$ 200,00 (duzentos reais).

lecionavam por período de um a seis anos. Finalmente, desse total, 30,7% (23 alunos) lecionavam inglês em escolas públicas.

Terminada a apresentação dos perfis institucional, pedagógico, docente e discente, passamos aos resultados da pesquisa sobre as condições físicas das IES e o curso de Letras/Inglês por elas oferecido.

A quarta pergunta de pesquisa – *Qual o perfil das condições físicas do curso de Letras, sob a ótica dos participantes?* – pesquisou especificamente quatro aspectos físicos, a saber: 1) as instalações das IES; 2) suas salas de aula; 3) seus laboratórios (de informática e de prática oral); e 4) suas bibliotecas. Os três grupos de respondentes (o grupo institucional, representado pelas respostas da Administração e da Coordenação, e os grupos formados pelo Corpo Docente e Discente) responderam às mesmas perguntas em seus respectivos questionários.

Quanto às instalações onde ocorre a formação de professores de inglês no ES, os dados informaram que três das quatro IES participantes usavam as instalações de outras instituições de ensino fundamental ou médio como suas, isto é, apenas uma instituição possuía instalações próprias usadas exclusivamente para o ensino universitário. Os dados informam que as salas de aulas têm¹¹ um bom sistema de iluminação e um bom sistema de ventilação, i.e., as salas de aula possuem aparelhos de ar-condicionado ou ventiladores de teto. Entretanto, a avaliação muda quando a pergunta é sobre a qualidade das carteiras em sala. Nesse aspecto, 67,4% dos formandos responderam as avaliaram como razoáveis ou ruins. Essa avaliação é compreendida quando relacionamos que as carteiras em uso são, para a maioria das instituições, as mesmas utilizadas nos turnos da manhã e da tarde por estudantes do ensino fundamental ou médio das escolas, que sublocam suas instalações às IES particulares que oferecem o curso à noite.

As quatro instituições pesquisadas dispunham de laboratórios¹² de informática, que foram considerados muito bons pela média dos respondentes nos três segmentos, i.e., Administrações, Professores e Estudantes. Quanto aos laboratórios de língua para aprimoramento das

¹¹ A escala utilizada para avaliação das salas de aula foi: Excelente, Muito Bom, Bom, Razoável e Ruim.

¹² A escala utilizada para avaliação dos laboratórios foi: Excelente, Muito Bom, Bom, Razoável e Ruim.

habilidades de compreensão e de produção oral, os dados revelaram que apenas uma dessas quatro instituições não dispunha dessa instalação. Entretanto, as três IES que possuíam laboratórios de língua foram bem avaliadas pelos respondentes, dos quais 46,2% dos professores avaliaram os laboratórios como excelentes ou muito bons, e 61,3% dos estudantes, como laboratórios muito bons ou bons.

No entanto, um resultado chamou a atenção: esses laboratórios são pouco utilizados,¹³ de acordo com os estudantes formandos, embora as instituições considerem que o corpo discente os utilize frequentemente. Os dados em relação aos laboratórios de informática revelaram que a maioria (59,7%) raramente os usa. Quanto aos laboratórios de língua, para 94,0% dos estudantes, o uso que fazem deles varia entre esporádico (45,5%) e raro (48,5%). Esse dado levanta dois questionamentos: o quão preparados estão os docentes universitários capixabas para fazerem uso de ferramenta tão poderosa para o aprimoramento de futuros professores e o quão capacitados estarão os futuros professores para trabalharem profissionalmente com computadores.

O último item de investigação sobre condições físicas nas IES foi suas bibliotecas. Sobre o seu estado,¹⁴ a avaliação de administradores, professores e estudantes converge para sua classificação como boas. Quanto ao acervo dessas bibliotecas, nota-se que a maioria das administrações considera que seu acervo atenda às necessidades do seu corpo discente, enquanto os alunos se dividem em relação ao atendimento dessa necessidade: 48,7% disseram que o acervo atende às necessidades do curso de Letras/Inglês, e 51,3% informaram que as suas necessidades individuais não são atendidas pelo acervo das bibliotecas que usam. Assim como os laboratórios, as bibliotecas são pouco utilizadas¹⁵ pelos estudantes. Apenas 3,5% dos estudantes formandos reportaram utilizar as bibliotecas intensamente.

¹³ A escala utilizada para avaliação do uso dos laboratórios foi: Intenso, Frequente, Esporádico e Raro.

¹⁴ A escala utilizada para avaliação do estado das bibliotecas foi: Excelente, Muito Bom, Bom, Razoável e Ruim.

¹⁵ A escala utilizada para avaliar o uso das bibliotecas foi: Intenso, Frequente, Esporádico e Raro.

Uma outra perspectiva é contemplada pela quinta pergunta de pesquisa – *Qual o perfil do curso de Letras/Inglês oferecido, sob a ótica dos participantes?* Para avaliar esse perfil foram investigados: o tipo de preparação profissional oferecida pelo curso, as expectativas iniciais dos estudantes, o currículo em vigor na instituição e a proficiência em língua inglesa dos alunos formandos.

Quanto à preparação oferecida pelo curso de Letras/Inglês, as opiniões¹⁶ dos respondentes divergiram. Para as administrações das instituições participantes, os cursos que oferecem preparam bem, formando bons professores. No entanto, há uma convergência nos outros dois segmentos, divergindo da avaliação institucional. Para a maior parte dos professores (62,1%) e dos estudantes (57,1%), a preparação oferecida pelo curso da instituição na qual trabalhavam ou estudavam foi avaliada como parcial.

Além dessa avaliação, foi pedido aos formandos respondentes para classificarem¹⁷ o curso realizado em relação às expectativas que tinham no início da graduação. Para mais da metade dos alunos respondentes (54,8%), o curso oferecido ficou aquém das expectativas iniciais. A avaliação dos demais se dividiu em 44,0% do corpo discente avaliando o curso como satisfatório, por terem atendido às expectativas que tinham ao ingressarem no curso, e apenas para um aluno (1,2% dos investigados), o curso superou as expectativas iniciais. A variação entre essas avaliações preocupa, pois não há consenso entre os estudantes, já que os percentuais dos satisfeitos e dos não satisfeitos estão muito próximos. Esse é certamente um resultado que merece investigação posterior, para que se possa entender essa divergência na avaliação dos estudantes quanto à satisfação ou não de suas expectativas ao longo dos cursos oferecidos pelas IES investigadas.

O currículo que estava em vigência durante a pesquisa não atendia às expectativas de três das quatro Coordenações investigadas. Tal opinião pode ser justificada em função da dificuldade de se implementar um

¹⁶ Os respondentes tinham de responder à pergunta “O curso de Letras/Inglês prepara bem seus alunos”, optando entre: sim, parcialmente ou não.

¹⁷ As opções dadas no questionário foram: o curso foi além de suas expectativas iniciais, o curso atendeu suas expectativas iniciais ou o curso ficou aquém de suas expectativas iniciais.

currículo que incorpore as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Letras, isto é, um currículo mais flexível, menos centrado na concepção de disciplinas, que seja incentivador da participação de estudantes em atividades extra-acadêmicas e de pesquisa. No entanto, talvez por desconhecimento dessas Diretrizes, o mesmo currículo não aprovado pelas Coordenações de Curso foi avaliado¹⁸ como bom para quase metade dos alunos (49,4%), e também considerado bom para 57,1% dos professores respondentes.

Ressalta-se aqui uma contradição nas avaliações dos professores e estudantes investigados. Como é através do currículo que se concretiza o projeto pedagógico da instituição, as posições assumidas pelos corpos docente e discente se mostraram incoerentes, pois fizeram uma avaliação positiva do currículo, enquanto avaliaram como parcial a qualidade da preparação oferecida pelos cursos que conheciam.

Por fim, quanto à avaliação da proficiência¹⁹ em língua inglesa dos alunos formandos, um primeiro resultado informa que 75 alunos (83,9%) nunca haviam feito qualquer teste de sua proficiência em inglês. Ao serem perguntados como avaliariam sua proficiência na língua estrangeira, menos da metade, 46,4%, a considerou boa. Essa mesma pergunta foi feita aos professores, no caso, sobre a proficiência de seus alunos formandos. A avaliação feita por 60,0% do corpo docente que ministravam aulas de língua, estudos culturais ou literaturas ligadas à língua inglesa foi mais positiva do que a avaliação feita pelos próprios estudantes. Para os professores, a proficiência dos estudantes variava entre muito boa e boa.

À primeira vista, há uma divergência entre as avaliações que chama a atenção. Há uma diferença inversamente proporcional entre os percentuais de avaliação positiva entre estudantes e professores quanto à proficiência linguística dos alunos concludentes do curso, i.e, há menos alunos que consideram boa a sua proficiência no inglês e mais professores que avaliam como boa ou muito boa essa mesma

¹⁸ A escala utilizada para avaliação do curso foi: Excelente, Muito Bom, Bom, Regular e Ruim.

¹⁹ A escala utilizada para avaliação da proficiência foi: Excelente, Muito Bom, Bom, Razoável e Fraco.

proficiência. Essa diferença na avaliação sugere a possibilidade de duas hipóteses distintas: tanto os alunos podem subestimar sua proficiência, quanto os professores podem superestimá-la. Como não temos dados que nos permitam verificar se essa inversão de avaliação se justifica, consideramos que os resultados apontam a necessidade de uma investigação mais precisa sobre os parâmetros que levaram a essas avaliações divergentes, para que se possa compreender melhor o significado desses resultados. No entanto, esses resultados podem ser abordados sob uma perspectiva mais positiva, a saber: para quase a metade dos estudantes (46,4%) e para mais da metade dos professores (60%), a proficiência desenvolvida ao longo do curso é, no mínimo, boa. Esse resultado sugere uma certa convergência na avaliação dos dois segmentos, pois, talvez, a diferença entre os percentuais de avaliação de 10% não seja estatisticamente significativa. A confirmação dessa hipótese poderia ser interpretada como um indício de haver, no estado do ES, um direcionamento para a formação de professores de inglês linguisticamente mais competentes. Essa interpretação é assim feita porque, há alguns anos, a formação de professores de inglês não almejava a proficiência na língua inglesa como uma meta educacional. O foco do ensino há pouco mais de duas décadas estava no conhecimento da estruturas do inglês e não no uso dessa língua em sala de aula. Naquele tempo bastava o professor explicar as regras e cobrar esse conhecimento em provas, deixando a proficiência oral como uma meta inatingível. Seja como for, a divergência ou convergência depende do que estudantes e professores entendem por proficiência.

Assim, chegamos à sexta e última pergunta de pesquisa – *Qual o perfil que esses resultados traçam sobre a formação de professores de inglês, em nível universitário, no estado do Espírito Santo?* Em outras palavras, quais as implicações dos resultados obtidos?

Os resultados apresentados revelaram que a formação de professores de inglês como LE em nível universitário no ES se apresentou como satisfatória, uma vez que, para a maioria das questões investigadas houve mais resultados positivos do que negativos. Entretanto, esses mesmos resultados nos levam a uma reflexão importante: uma formação de professores avaliada por seus diferentes segmentos como ‘satisfatória’ pode ser considerada como um bom resultado? Na nossa avaliação, a resposta a essa pergunta é um sonoro ‘não’. Uma avaliação satisfatória

sempre deixa algo a desejar; aponta para questões que precisam ser encaradas e melhoradas para que os resultados levem, no mínimo, a uma boa formação para os futuros professores de inglês no estado capixaba. Por esses motivos, apontamos a seguir a implicação de alguns resultados para o aprimoramento da formação profissional de professores de inglês nas IES do ES.

Primeiramente, os resultados sugerem que as diferentes instituições devem conhecer melhor a população de seus estudantes. É importante saber de onde eles vêm, tanto em relação às questões geográficas como também às questões socioeconômicas. O empenho em identificar quais são as necessidades estudantis ou suas carências pode levar a informações-chave para o aperfeiçoamento e adequação da formação provida pelas IES ao perfil de seus estudantes.

Em segundo lugar, é preciso que as instituições conheçam melhor também seus professores, para compreenderem o significado, por exemplo, do resultado que indicou que a média de satisfação do professor com a instituição em que trabalha é relativamente baixa. Além disso, é preciso incentivar o processo de capacitação do corpo docente. Os resultados indicaram que havia um número significativo de professores buscando o título de mestre. Entretanto, nenhum dos professores que já eram mestres informou estar em processo de doutoramento. Uma investigação dos fatores que possam explicar esse resultado também seria de interesse para a evolução da própria instituição. Mais ainda, as IES deveriam ampliar a cultura de pesquisa e de formação continuada junto a estudantes e professores, principalmente nas IES particulares,²⁰ através do apoio a projetos de ensino e/ou pesquisa. Só através de um esforço nessa direção poderá se superar o ainda incipiente envolvimento de professores e estudantes em projetos de pesquisa no ES. Um outro aspecto que merece a atenção das instituições é aproveitar melhor seu corpo docente, pois através dos resultados, foi possível constatar que os professores são pouco utilizados pelas instituições particulares onde trabalham, que são a maioria no estado. A atuação de professores nessas IES fica restrita ao

²⁰ Tendo em vista que em todo o estado do ES, há apenas uma IES de natureza pública.

papel de ministrador de aulas. A permanência do professor por mais horas na instituição para o desenvolvimento de diferentes projetos pela equipe de professores ainda é um ideal, haja vista o interesse primordial no lucro, que é o comum nas instituições de ensino particulares. No entanto, faz bem manter acesa a chama do compromisso institucional com uma formação educacional e profissional de qualidade, seja esta em contexto público ou privado.

Em terceiro lugar, quanto às condições físicas, as instituições deveriam estar atentas à importância de se adequarem as carteiras das salas de aula aos alunos adultos, principalmente àqueles que estudam no turno da noite, pois em sua maioria trabalham durante o dia para custear seus estudos. Carteiras estofadas melhorariam o rendimento do aluno e, conseqüentemente, a qualidade da sua formação. Além disso, as IES deveriam promover ações integradas entre a coordenação de cursos e os professores, para incentivar os estudantes a um maior uso tanto dos laboratórios de informática como dos de língua, pois os resultados indicaram que, apesar de serem considerados bons, o seu uso deixa a desejar. Mais ainda, seria preciso investir mais na adequação do acervo das bibliotecas às expectativas tanto de estudantes como de professores. Além disso, as Coordenações de Curso deveriam incentivar professores a fazer com que os estudantes se dirijam às bibliotecas, pois os resultados indicam que nem professores nem alunos desenvolveram o hábito de ir à biblioteca para descobrir seu potencial no aprimoramento da formação oferecida pelas instituições.

Em quarto lugar, em relação às similares ou diferentes avaliações entre administração institucional, professores e estudantes, as IES deveriam investigar os seguintes resultados: 1) o que leva à avaliação da qualidade da formação oferecida como parcial tanto em instituições públicas como privadas, principalmente quando estudantes e professores convergem para essa mesma avaliação; 2) de que maneira as expectativas iniciais de estudantes e professores não são atendidas nas instituições. Finalmente, em vista de avaliações que podem ser interpretadas como negativas ou positivas em relação à questão da proficiência do estudante, as IES deveriam incentivar seus professores a investigarem de que maneira os professores e os estudantes concebem o que é proficiência. Uma outra alternativa para compreender os resultados obtidos seria simular ou aplicar testes de proficiência na

instituição para que tanto estudantes quanto professores avaliem mais consistentemente a desejada proficiência em língua inglesa.

Conclusão

A presente pesquisa traz implicações que vão além do simples reportar ou comentar os resultados apresentados. Acreditamos que os dados, junto à comparação das avaliações de cada segmento investigado, levam à reflexão sobre as condições atuais dos cursos de Letras/Inglês no ES e à premência de se implementar uma cultura de avaliação institucional para a melhoria do que está satisfatório, para que se possa alcançar uma formação universitária de qualidade, seja ela boa ou muito boa. Sem avaliações periódicas as instituições não obtêm informações para seu aprimoramento como instituição educacional.

Cada IES participante recebeu uma cópia integral da dissertação (ALMEIDA, 2003) como uma retribuição por terem aberto suas portas para uma avaliação diferente das avaliações oficiais feitas por meio de Comissões de professores nomeadas pelo MEC. Além disso, esperamos que o potencial de informação dos resultados por IES as tenha motivado a promover internamente um diálogo entre seus segmentos que esclareça o significado de cada resultado. Mais ainda, desejamos que ações para a melhoria de seus cursos de Letras/Inglês tenham sido implementadas em decorrência do conhecimento gerado pelos resultados.

Quanto às demais instituições capixabas que ofereciam o mesmo curso de graduação, as outras seis que não participaram da pesquisa, também receberam cópia da dissertação com o intuito de servir de incentivo à auto-avaliação e à conseqüente auto-reflexão, as quais eventualmente podem levar a transformações significativas na qualidade da formação de professores de inglês no ES.

Por fim, acreditamos que este artigo possa inspirar outras IES que oferecem cursos superiores ligados à licenciatura a se interessarem no poder da avaliação para a transformação de realidades a partir de informações precisas e formais e não apenas intuitivas, como ainda é comum no Brasil. O uso de procedimentos de avaliação de programas de ensino tem de se tornar rotineiro para que o ensino possa vir a estar em sintonia com as demandas de uma sociedade em constante mudança. Currículos e programas sem avaliação correm o risco de

estarem aquém das demandas das comunidades institucional e social. Pior ainda, sem que as IES tenham conhecimento de suas qualidades e deficiências.

O ideal não existe, a não ser como meta a ser alcançada a partir de avaliações que promovam o aprimoramento da formação de professores em nível superior. Uma vez qualificados e comprometidos com os valores difundidos pelas IES, esses professores podem se tornar profissionais transformadores que agreguem qualidade à educação básica que, no futuro, estará sob sua responsabilidade.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena V. Repensando o curso de letras: habilitação em língua estrangeira. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). *TELA - Textos em linguística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

ALMEIDA, Christine S. *Retratando a realidade espírito-santense quanto à formação de professores de inglês em nível universitário*. 2003. 180f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada, Linha de Pesquisa: Formação de professores de língua estrangeira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de survey*. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (Original inglês 1997).

BOHN, Hilário I. Os aspectos ‘políticos’ de uma política de ensino de línguas e literaturas estrangeiras. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 117-138, 2000.

BRASIL. Lei 9.394/1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27839.

BRASIL. *Conheça a SESu*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: fev. 2002.

_____. *Diretrizes curriculares para os cursos de graduação*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: fev. 2002.

_____. *Parecer CNE/CES 492/2001*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: fev. 2002.

_____. *Parecer CNE/CES 1.363/2001*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: dez. 2002.

BRASIL. *Portaria SESu/MEC 146/1998*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: dez. 2002.

BRASIL. *Resolução CNE/CP 2/2002*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: dez. 2002l.

_____. *Resolução CNE/CES 18/2002*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: dez. 2002m.

BRZEZINSKI, Iria. Notas sobre o currículo na formação de professores: teoria e prática. In: SERBINO, Raquel V. *et al.* (Org.). *Formação de professores*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 161-174.

CACHAPUZ, Antônio F. A universidade, a valorização do ensino e a formação dos seus docentes. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Org.). *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2002. p. 115-139.

CELANI, Maria Antonieta A. Learners' terminal behaviour in letras courses. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 6, 1985, Recife. *Anais do VI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa – ENPULI*. Recife: UFPE, 1985. p. 91-96.

CONSOLO, Douglas A.; BERTOLDO, E. Sérgio; COX, Maria Inês Pagliarini; FÉLIX, Ademilde; PETERSON, Ana Antônia de A.; VIANA, Nelson. Desafios e perspectivas na formação de professores de línguas no Brasil. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). *TELA - Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

DEMO, Pedro. Professor e seu direito de estudar. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Org.). *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2002. p. 71-88.

FOWLER JR., Floyd J. *Improving survey questions – design and evaluation*. Thousand Oaks: Sage, 1990.

_____. *Survey research methods*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

FREITAS, Maria Adelaide; BELICANTA, Carmen I.; CORRÊA, Helliane C. M. de O. Professores de língua inglesa em formação: mudando crenças e atitudes. *Trabalhos de lingüística aplicada*. Campinas: Unicamp – IEL, 2002. v. 39, p. 47-67.

GILLHAM, Bill. *Developing a questionnaire*. London: Continuum, 2000.

KURTZ, Fabiane D. et al. LABLER: uma experiência de qualificação do aluno de letras na Universidade Federal de Santa Maria. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). *TELA – Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

LEFFA, Vilson J. *TELA – Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

LEFFA, Vilson J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras – construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001. p. 333-355.

LEITE, Denise; BRAGA, Ana Maria Souza; FERNANDES, Cleoni; GENRO, Maria Elly; FERLA, A. A. Avaliação institucional e os desafios da formação do docente na universidade pós-moderna. In: MASETTO, Marcos (Org.). *Docência na universidade*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 39-56.

LIMA, Diógenes C. EFL teacher preparation programs in Bahian state universities. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). *TELA - Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Org.). *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2002. p. 173-192.

MARQUES, Elizabeth A. Os programas de formação de professores de línguas estrangeiras: algumas propostas inovadoras. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). *TELA - Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

PAIVA, Vera L. M. de O. A identidade do professor de inglês. *APLIEMGE: Ensino & Pesquisa*. Belo Horizonte, v. 1, p. 9-17, 1997.

_____. Avaliação das condições de oferta dos cursos de Letras e a formação de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 16., 2001, Londrina. *Anais ... Londrina*, 2001.

PENNINGTON, Martha C. A professional development focus for the language teaching practicum. In: RICHARDS, Jack C.; NUNAN, David. (Ed.). *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. cap. 9, p. 132-152.

PEREIRA, Júlio E. D. *Formação de professores – pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REGISTRO, Eliane S. R. Formação de Professores: a evolução das pesquisas produzidas nas décadas de 70 a 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 16., 2001, Londrina. *Anais ... Londrina*, 2001.

RICHARDS, Jack C. The dilemma of teacher education in second language teaching. In: RICHARDS, Jack C.; NUNAN, David. (Ed.). *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. cap. 1, p. 3-15.

RUZ, Juan R. Formação de professores diante de uma nova atitude formadora e de eixos articuladores do currículo. In: SERBINO, Raquel V. *et al.* (Org.). *Formação de professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 85-101.

SERBINO, Raquel V. *et al.* (Org.). *Formação de professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. (Org.). *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papyrus, 2002. p. 89-102.

SOBRINHO, José D. *Avaliação da educação superior*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Euterpe B. R. Learner's terminal behaviour in the Letras course. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 6., Recife, 1985. *Anais ...* Recife: UFPE, 1985. p. 101-105.

SOUZA, Paulo N. P. *LDB e ensino superior*- estrutura e funcionamento. São Paulo: Pioneira, 1997.

VARELLA, Mônica N. de S. Laboratórios de línguas – considerações sobre um processo de humanização. *Revista Ensino de Línguas*, São Paulo, v. 17, p. 49-53, 1984.

VOLPI, Marina T. A formação de professores de língua estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente. In: LEFFA, Wilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras* – construindo a profissão. Pelotas: Educat, 2001. p. 125-133.